

A palavra e a realidade sexual

José Carlos Teixeira Giorgis

Ninguém desconhece a força íntima da palavra, capaz de enternecer, mas apta a ferir; pois contém carga que supera o limite das sílabas, podendo afetar os costumes, erigindo ídolos e demolindo mitos.

Assim ocorre com o dicionário da sexualidade, permeado de vocábulos oriundos de superestrutura que se forma a partir de algumas convicções, que se aparentam óbvias e indubitáveis aos olhos dos contemporâneos, embora sem relação concreta com os fatos.

Como toda época produz crenças sobre o bem e o mal, o século XIV proclamou a existência da *feitiçaria*, e para tanto era necessário que houvesse *bruxas*, personagens macabras e vis; como complemento, surgiram mulheres que sentiam e agiam como tal, e mais moralistas, religiosos e médicos que se digladiavam em infundáveis querelas sobre as causas e manifestações desse diabolismo; então originou-se um imaginário de funestas conseqüências, construído apenas a partir de uma simples palavra, credice que foi soterrada pelo movimento racionalista.

Em tempo recente, passou-se a acreditar numa divisão natural dos sujeitos em *heterossexuais*, *bissexuais* e *homossexuais*, o que se impôs como uma verdade científica, universalmente válida e como um dado intuitivo e imediato da consciência.

Ora, somem-se ao grupo os *multissexuais*, *assexuais* e *alien-sexuais*, estes formados por homens e mulheres que têm especial atração pelos entes extraterrestres.

Pois bem, quanto aos últimos, e só por obra de uma expressão, novas gerações aprenderiam as razões do sentimento com tais seres planetários, aparecendo livros, vídeos e programas com informações sobre o assunto; seriam organizados encontros e conferências para apurar as causas genéticas, psicológicas ou históricas deste estranho amor; e também movimentos em defesa dos direitos civis dos alienígenas, uns dizendo que a paixão era tendência antinatural, outros preocupados com a ameaça de extinção da raça humana por abstinência reprodutora.

Consoante Freire Costa, a subjetividade e sexualidade são apenas *realidades lingüísticas*, não havendo uma coisa sexual objetiva em si que preexistia à forma como se conhece através da palavra, que não é o que se diz, mas aquilo que ela diz ser.

Uma vez criados os dispositivos idiomáticos de crenças ou hábitos morais, tornam-se absolutos na delimitação sexual de cada indivíduo, assinalando-os com a etiqueta da certeza, quando representam nada mais que simples termos sem conteúdo ou vínculo à realidade.

A sabedoria recomenda a troca simples do vocabulário, o que favorece a eliminação do problema; e assim, realidades que pareciam relevantes passam a não ter qualquer importância, como ocorreu com o glossário das bruxas e a feitiçaria.

Desta maneira, o emprego da palavra *homoerotismo* em substituição ao homossexualismo afasta perguntas e derruba o preconceito que tinge a última orientação.

jgiorgis@terra.com.br